

DESEMBALANDO A ERGONOMIA – PARTE 1

José Antonio Ghilardi

Mestre em Engenharia de Processos Químicos e Bioquímicos
Engenheiro Mecânico e de Segurança do Trabalho
Professor de Ética e Legislação
Centro Universitário do Instituto Mauá de Tecnologia

Este primeiro de dois artigos é dirigido aos empregadores e gestores das áreas de desenvolvimento e produção de embalagens.

Nos últimos cinquenta anos, a indústria de embalagens empreendeu um avanço considerável, período em que a velocidade de criação como concepção da arte e as dinâmicas produtivas estiveram mais e mais presentes. Máquinas e equipamentos cada vez mais automatizados e velozes foram criados por uma necessidade crescente de mercado. Porém uma série de atividades ainda permanece dependente dos movimentos manuais e corporais do homem, e neste ponto é que se insere o tema desta abordagem, a Ergonomia.

A Ergonomia ou Estudo do Trabalho é uma ciência ainda relativamente jovem, se comparada a outras como a Física e a Química, mas essencial na atualidade para que se possa adaptar o homem ao trabalho com maior conforto, produtividade, segurança e manutenção da saúde.

Assim, este tema pode ser iniciado com a seguinte pergunta: Quantas empresas em nosso País cumprem pelo menos o requisito legal, que é a obrigatoriedade de realizarem análises ergonômicas dos postos de trabalho?

Por certo, muitas realizam essas análises e aplicam as devidas medidas preventivas ou corretivas. Mas o que dizer daquelas que, por simples desconhecimento da Ergonomia, obrigam seus funcionários a trabalharem horas e horas sem as mínimas condições de conforto, sem pausas naturais para a recuperação da fadiga, sem o monitoramento dos limites da capacidade humana para a elevação manual de cargas, sem o correto dimensionamento dos tempos das tarefas, cercadas de repetitividade e monotonia?

A resposta pode ser com base nas estatísticas oficiais de nossa Previdência Social: cada vez mais trabalhadores contraem doenças ocupacionais por falta de adequações ergonômicas ou, ainda, pelo o crescente número de processos judiciais que transitam nas barras dos tribunais, movidos por trabalhadores contra as empresas, em busca de reparações econômicas pela perda da integridade física.

Geralmente, esses tipos de doenças do trabalho são sintetizados na sigla LER que significa Lesões por Esforços Repetitivos. Na verdade, devem ser denominados DORT (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho),

porque envolvem outras anomalias de saúde que não só as referidas aos membros superiores. Esses DORT podem ser muito graves e atingem também os membros inferiores e a coluna vertebral e resultam, por vezes, em cirurgias e tratamentos complexos, podendo levar o trabalhador até a uma invalidez parcial ou total, interrompendo seu ciclo de vida laboral.

Ao se indagar por que as empresas não adotam políticas e programas de prevenção relativos aos problemas ergonômicos, com certeza ouvir-se-á que isso é muito complicado, que não se tem pessoal especializado para tal, que isso não resulta numa relação custo/benefício positiva, que a produção é o que mantém a empresa viva e não há disponibilidade de tempo para isso, e uma série de outras frases estereotipadas para se fugir ou se desviar do essencial. Na verdade, para as empresas caminharem pela rota que leva ao sucesso, seus colaboradores devem estar bem, em condições plenas de conforto, saúde e segurança.

Assim sendopode-se sugerir que a Ergonomia é a ação que possibilita, por meio de uma série de metodologias, aumentar os níveis de qualidade do produto, incrementar a produtividade e evitar o afastamento de trabalhadores por razões neuromusculares, pois ninguém consegue trabalhar com o incômodo de dores musculares.

Muitas vezes, uma simples alteração no projeto de *layout*, um ajuste no nível de iluminação dos postos de trabalho, uma adequação do conforto térmico dos ambientes, a alocação de equipamentos auxiliares para o transporte ou a elevação de cargas, a revisão das alturas das mesas e bancadas de trabalho, ou ainda treinamentos sobre posturas corporais corretas podem revelar resultados efetivos.

Mas ainda existem empresas que somente visualizam custos e metas e por isso pagam o alto preço do descontentamento e da falta de engajamento de seus colaboradores. Pode-se afirmar que a Ergonomia não significa, em médio e longo prazos, um acréscimo de custos, mas o investimento num bem intangível para o homem, para a saúde e para o bem-estar.

Nos tempos atuais de extrema competitividade, seguir os ditames da Ergonomia é o diferencial a ser buscado. Para as empresas que ainda não o fazem, que tal desembalar a Ergonomia?

Publicado: Novembro de 2010 – Revista Embanews